



Opinião Econômica

Lorena Hakak

Doutora em economia e professora da FGV. Atua como presidente da GeFam (Sociedade de Economia da Família e do Gênero)



Estilos de parentalidade e o bem-estar dos filhos

Estudos indicam que o comportamento dos pais afeta a performance das crianças na escola

Na escola, eu sempre gostei de história e matemática. Quando chegou a hora de decidir qual curso prestar no vestibular, pensei em seguir uma dessas áreas. Ao discutir minha escolha com minha mãe, ela me perguntou se eu pretendia ser professora e me alertou sobre a baixa valorização da profissão. Isso me deixou em dúvida e comecei a conversar com várias pessoas sobre outros cursos. Acabei optando por economia. Adorei o curso, mas adivinhem? Sou professora. É difícil ir contra a própria vocação.

Quem nunca ouviu uma história parecida com essa? Os pais, em geral, querem guiar seus filhos na direção que acham que será melhor para eles. Muitas de suas decisões são baseadas por amor a seus filhos. Eu não tenho dúvida. Porém, precisamos ter cuidado com os exageros. Mathias Doepke e Fabrizio Zilibotti

discutem no livro “Love, Money and Parenting” (amor, dinheiro e parentalidade, em tradução para o português) como estilos parentais diferentes podem afetar o bem-estar das crianças.

Segundo a contribuição seminal de Diana Baumrind, existem três tipos de mães e pais: os autoritários, os permissivos e os autoritativos. No primeiro caso, os pais demandam obediência de seus filhos e exercem controle estrito nas atitudes e no comportamento das crianças. O segundo é o caso oposto em que os pais permitem que seus filhos façam suas próprias escolhas e agem sem impor punições. Já o autoritativo fica no meio dos dois extremos. Os pais buscam influenciar seus filhos e moldar suas escolhas, não por comando e disciplina estritos, e sim de uma forma mais orientada, explicando suas decisões.

Estudos indicam que o com-

portamento dos pais afeta a performance de seus filhos na escola. Na média, crianças de pais autoritativos apresentam resultados melhores do que crianças de pais autoritários ou permissivos. Por exemplo, pesquisas indicam que jovens ingleses de pais autoritativos não apenas obtêm melhores resultados acadêmicos, mas também apresentam melhores indicadores de saúde e menor propensão a se engajar em comportamentos de risco, tais como, fumar e consumir drogas. No Brasil, 55% dos pais são autoritários, 35% autoritativos e 10% permissivos segundo a World Value Survey (2014). A proporção de pais autoritários no Brasil é bem maior do que a média de países da OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico), que é de 27%.

Doepke e Zilibotti utilizam o termo parentalidade intensiva

para descrever pais que combinam elementos do estilo autoritário e autoritativo. Esses pais, conhecidos como “pais-helicóptero”, se envolvem de forma intensa nas escolhas e na criação de seus filhos e são mais protetores. Eles tendem a pressionar seus filhos para que busquem um maior desempenho escolar, visando maiores chances de sucesso econômico. A lógica por trás dessa abordagem é que, quanto maior o nível de escolaridade alcançado, maiores serão as chances de sucesso econômico após a graduação.

Esse tipo de parentalidade cresceu nas últimas décadas. O número de horas despendido por mães e pais nos cuidados de seus filhos vêm aumentando. Os dados para os Estados Unidos mostram que, na média, um casal em 1976 despendia 2 horas por semana brincando, lendo e conversando

com seus filhos e 17 minutos ajudando na lição de casa. Em 2012, essa interação aumentou para 6 horas e meia e uma hora e meia, respectivamente. O mesmo resultado é encontrado na Itália. Por que houve esse aumento? O tempo despendido com os filhos cresceu mais, em média, entre pais com maior nível de escolaridade. Além disso, dados americanos mostram que quase 40% dos pais com maior nível de escolaridade são autoritativos. Além disso, não podemos desconsiderar que o número de nascimentos vem caindo em muitos países, incluindo o Brasil.

Essa intensificação da parentalidade pode ser benéfica para o sucesso acadêmico, mas pode prejudicar a autonomia dos jovens e reduzir a sua capacidade de lidar com as frustrações. Será então que os pais devem ser menos intensos? Como todo remédio, tudo depende da dose.

Plano Safra Banrisul

2024/25

R\$ 12,2 Bilhões



banrisul.com.br/planosafra



banrisul

SAC 0800 646 1515
Ouvidoria 0800 644 2200

Yara Fertilizantes retoma produção em plantas no Rio Grande do Sul

/INDÚSTRIA

Cláudio Isaías

isaiaisc@jcrs.com.br

A retomada da produção nas unidades do Rio Grande do Sul da Yara Fertilizantes está se consolidando neste mês de julho, informa o vice-presidente de Operações da Yara Fertilizantes, Marcelo Pinto.

Na principal operação, a planta em Rio Grande, mesmo após a enchente de maio, o plano de produção da empresa para este ano segue inalterado. A meta da Yara é atingir 1 milhão de toneladas de fertilizantes e envase de 1,8 milhão de toneladas, num total de 2,8 milhões de toneladas neste ano.

A maior fábrica de fertilizantes da América Latina concentra 1,2 mil trabalhadores da Yara na cidade portuária da Região Sul do Estado. A direção da empresa liberou os funcionários por vários

dias - muitos foram atingidos diretamente pela tragédia climática, com danos em suas casas e de parentes. Após retomar atividades, a planta deve alcançar a produção projetada para 2024. “Estive em Rio Grande para reafirmar essa posição com a nossa equipe. Paramos muitos dias para o nosso pessoal se recuperar da tragédia climática e agora é força total para buscarmos esse objetivo”, destaca Pinto. “Quase 50% da nossa capacidade produtiva sai da unidade de Rio Grande. A nossa maior fábrica da América Latina está no Rio Grande do Sul”, destaca. Não por acaso, a Yara é o maior empregador de Rio Grande.

Segundo o executivo, também será retomada a capacidade total da unidade de Porto Alegre possivelmente no final de julho. O vice-presidente de Operações da Yara observa que a enchente de maio afetou principalmente a ca-

pital gaúcha, onde trabalham 100 funcionários.

O local ficou paralisado por 23 dias. “Ficamos todos esses dias de baixo de água”, recorda. Para colocar a unidade de Porto Alegre em funcionamento, foram trazidos equipamentos de São Paulo - uma máquina foi totalmente desmontada na unidade de Sumaré para ser montada em Porto Alegre.

Durante as paradas em Rio Grande e Porto Alegre, a Yara não deixou de atender clientes, reforçando as atividades na unidade de Cruz Alta, que não foi afetada pelas enchentes. “Batemos recorde em maio e junho na produção na planta de Cruz Alta. Só no mês de junho, foram 38 mil toneladas de fertilizantes produzidos - o recorde era de 35 mil toneladas.

A empresa multinacional norueguesa possui 3.800 funcionários no Brasil, sendo 2 mil colaboradores no Rio Grande do



Marcelo Pinto destacou importância da unidade de Rio Grande

Sul. Além da fábrica que concentra 1,2 mil trabalhadores em Rio Grande e das unidades em Porto Alegre e Cruz Alta, outra operação importante é a Central de Serviços Compartilhados, que funciona na avenida Carlos Gomes, na Capital, onde 400 pessoas atendem a todo o Brasil. O vice-presidente de Operações da Yara Fertilizantes,

Marcelo Pinto, comentou as atividades da empresa durante visita ao Jornal do Comércio na semana passada, quando esteve acompanhado da especialista de Comunicação da Yara Fertilizantes, Tessia Mundt. Eles foram recebidos pela diretora de Projetos do JC, Stefania Jarros Tumelero, e pelo diretor comercial, Rafael Machado.

THAYNÁ WEISSBACH/JC